

# Orientação vocacional/profissional e psicoterapia: alternativas mutuamente excludentes ou complementares?

Érika Arantes Oliveira-Cardoso  
Lucy Leal Melo-Silva  
Fábio Pagotto Piovesani  
Manoel Antônio Santos

*Universidade de São Paulo  
Ribeirão Preto, SP, Brasil*

---

## RESUMO

Estudos têm demonstrado a importância de compreender os efeitos produzidos pelo processo de orientação vocacional/profissional simultâneo à psicoterapia. O presente trabalho teve como objetivo investigar possíveis benefícios dessa estratégia combinada. Trata-se de uma pesquisa documental, complementada por estudo de caso. Na primeira etapa foi construído um banco de dados com a finalidade de caracterizar os clientes encaminhados pelo Serviço de Orientação Profissional ao Serviço de Psicoterapia, no período de janeiro/2003 a dezembro/2006. Em seguida realizou-se revisão de prontuários para detectar as situações elegíveis. O resultado da busca revelou que, dos 24 clientes encaminhados no período, somente um recebeu atendimento combinado. A concomitância de abordagens mostrou ser um recurso valioso para a cliente, permitindo focalizar facetas diversas, porém complementares, de sua problemática.

**Palavras-chave:** Orientação vocacional; orientação profissional; psicoterapia; estudo de caso.

## ABSTRACT

*Vocational guidance and psychotherapy: mutually excluding or complementary alternatives?*

Research has shown the importance of understanding the effects produced by vocational guidance done simultaneously with psychotherapy. This study aimed at examining possible benefits of this combined strategy. This a documentary research, complemented by a case study. The first step was to build a database to characterize the clients referred by the Vocational Guidance Service to the Psychotherapy Service, between January/2003 and December/2006. Next, patient files were reviewed to select the participants. The search results revealed that, out of the 24 clients referred, only one received combined care. Vocational guidance combined with psychotherapy showed to be a valuable resource for the client, which permitted a focus on different but complementary aspects of the client's problems.

**Keywords:** Vocational guidance; psychotherapy; psychological intervention; case study.

## RESUMEN

*¿Orientación vocacional/profesional y psicoterapia: alternativas mutuamente excluyentes o complementarias?*

En estudios realizados se ha demostrado la importancia de comprender los efectos producidos por el proceso de orientación profesional complementado con psicoterapia. El presente trabajo tuvo el objetivo de investigar posibles beneficios de esta estrategia combinada. Es una investigación documental complementada con estudio de caso. En la primera etapa se construyó un banco de datos con la finalidad de caracterizar a los clientes encaminhados por el Servicio de Orientación Profesional al Servicio de Psicoterapia en el período de enero/2003 a diciembre/2006. En seguida se realizó la revisión de los historiales individuales para detectar los casos elegibles. El resultado de la búsqueda reveló que, de los 24 clientes encaminhados en el período, solamente un caso recibió atención combinada. La concomitancia de los abordajes mostró ser un recurso valioso para el cliente permitiendo focalizar diversas facetas, aunque complementarias, de su problemática.

**Palabras clave:** Orientación vocacional; orientación profesional; psicoterapia; intervención psicológica; estudio de caso.

---

## INTRODUÇÃO

De acordo com a literatura internacional as dificuldades vocacionais podem coexistir com outros problemas emocionais (Lucas, 1992). Anderson e Niles (1995) comprovaram tal hipótese ao verificarem que mais de um terço das preocupações manifestas por clientes com pedidos vocacionais encontravam-se relacionadas com problemas não-vocacionais, como dificuldades nos relacionamentos interpessoais e/ou outras perturbações emocionais. A orientação profissional muitas vezes torna-se a porta de entrada para a psicoterapia (Carvalho, 1995; Santos, Oliveira-Cardoso e Melo-Silva, 2009).

As fronteiras que separam a orientação vocacional/profissional e a psicoterapia necessitam ser melhor investigadas e delineadas. Diversos estudos têm se mobilizado para esclarecer as demandas específicas do potencial cliente. As publicações qualificadas sobre essa temática ainda são escassas, o que justifica a proposta desta investigação. Assim, este estudo visa proporcionar subsídios que favoreçam o planejamento de ações e programas voltados para o atendimento de pessoas que necessitam das duas modalidades de intervenção psicológica.

Estudos têm demonstrado a importância de compreender os efeitos produzidos pelo processo de orientação profissional complementado por psicoterapia. Porém, ainda são poucas as investigações que se dedicam a avaliar o processo e seu desfecho. Nesse sentido, uma preocupação que deve nortear a formação em serviço do psicólogo-estagiário na área de orientação vocacional/profissional diz respeito à avaliação de processos e resultados (Melo-Silva e Jacquemin, 2001).

Autores como Swanson (1995) defendem fortemente a necessidade de integração entre a orientação vocacional/profissional, denominada, na literatura internacional, aconselhamento de carreira e a psicoterapia. A pergunta que se faz é: seria a orientação vocacional/profissional fundamentalmente diferente da psicoterapia? Em que essas modalidades de intervenção se aproximam e em que se diferenciam? Para os especialistas que se alinham ao pensamento de Swanson (1995), o aconselhamento de carreira não seria fundamentalmente diferente do aconselhamento pessoal ou da psicoterapia.

Há um intenso debate na literatura em torno desse assunto, indicando como questões pessoais podem ter interrelação com o aconselhamento de carreira e como é problemático separar certos campos como se fossem compartimentos estanques. Um estudo de Hackett (1997) também aponta nessa direção. Apesar de propor uma distinção entre aconselhamento pessoal

e aconselhamento de carreira, Hackett (1997) encoraja a busca de integração entre as questões de carreira e as questões pessoais no processo de aconselhamento. Swanson (1995) vai ainda mais longe, quando adverte que qualquer tentativa de compartimentalizar a vida de nossos clientes seria um desserviço que estaríamos prestando a eles. Já Betz e Corning (1993) também arguiram pela indissolubilidade entre questões de carreira e questões pessoais no aconselhamento, utilizando as variáveis de gênero e “raça” para ilustrar a necessidade de uma abordagem holística.

Por sua vez, Spokane (1989) propôs um modelo no qual os dois domínios – questões de trabalho e de saúde mental – coexistem, mas não se interceptam, exceto em momentos de maior estresse ou de transição psicossocial. Esse modelo inclui fatores de risco e estratégias de enfrentamento que influenciam e são influenciados por dificuldades de decisão de carreira. O referido autor propõe que os dois domínios devem ser entendidos como independentes antes de se ter uma resolução de carreira, porém convergem durante a tomada de decisão e, então, se separam novamente após a resolução. Consideramos que essa visão do autor é um tanto limitada, uma vez que o trabalho é categoria central na contemporaneidade. Assim, de acordo com Borsoi (2007), torna-se difícil pensar a separação entre essa categoria e a saúde mental, uma vez que o trabalho é um elemento fundamental para a compreensão da subjetividade e do processo saúde/doença mental do indivíduo.

A distinção aqui entre questões de carreira e questões afetivoemocionais – e, portanto, entre aconselhamento de carreira e aconselhamento pessoal – pode ser reforçada pelas percepções que temos acerca do aconselhamento de carreira. Há críticas a uma visão estereotipada de aconselhamento de carreira que desvaloriza seu componente psicológico, o que afeta tanto a oferta como a qualidade de serviços de aconselhamento de carreira (Manuele-Adkins, 1992).

Nessa visão um tanto quanto estereotipada, o aconselhamento de carreira é entendido como um processo eminentemente cognitivo e racional. Por esse motivo haveria uma ênfase sobre a testagem, que forneceria informações objetivas sobre o indivíduo, e a oferta de sistemas computacionais, que mediarão o processo. Nessa concepção particular o aconselhamento de carreira tem duração breve, portanto é limitado quanto à extensão de possíveis estratégias de intervenção que podem ser utilizadas. Além disso, essa visão obscurece processos psicológicos subjacentes, tais como a indecisão que dificulta a escolha, e considera que o aconselhamento de carreira é diferente do aconselhamento pessoal – portanto, acaba rebaixando o valor do aconselhamento de carreira e alimentando uma falsa separação entre trabalho e não-trabalho.

## ACONSELHAMENTO DE CARREIRA E PSICOTERAPIA: INTERFACES

Nos últimos anos tem aumentado o interesse pela avaliação de serviços, em termos de processos e resultados de intervenção psicológica, particularmente nos serviços-escola de Psicologia. Procura-se investigar os fundamentos teóricos e práticos que assegurem uma orientação para a saúde, nas suas dimensões de prevenção e assistência.

Segundo Bohoslavsky (2003), a orientação vocacional, conceito utilizado pelo referido autor, constitui uma ampla gama de procedimentos e tarefas, que incluem o diagnóstico, a investigação, a prevenção e a solução da problemática relacionada ao campo vocacional. Nessa perspectiva, o profissional da área – o orientador ou conselheiro – auxilia seus clientes na assunção de forma ativa na problemática que enfrentam, visando a compreendê-la e, assim, alcançar uma decisão responsável. Por sua vez, para Santos (2007), a psicoterapia pode ser definida, em termos gerais, como uma prática de atenção psicológica com o objetivo de ajudar o indivíduo a lidar com seu sofrimento psíquico. Abrange um campo com centenas de abordagens e sistemas teóricos, embora apenas algumas dessas abordagens sejam dominantes (Hanns, 2004; Santos, 2003). No contexto dos serviços-escola de Psicologia, o mais importante é eleger abordagens que resultem em aprendizagem do aluno e que, ao mesmo tempo, sejam úteis no atendimento dos clientes. O fator decisivo é, de fato, a relação terapêutica que se estabelece entre psicólogo e cliente. O psicoterapeuta, a partir da instrumentalização da relação intersubjetiva que estabelece com seus clientes, tenta ajudá-los a se aproximarem de seus conflitos psíquicos, de modo a assumirem uma posição ativa e criativa na vida. Tanto no aconselhamento de carreira como no aconselhamento pessoal, ou na psicoterapia, as estratégias de atendimento oferecidas são diversificadas, assim como o referencial teórico-conceitual que ancora as intervenções. A seguir abordar-se-ão os referenciais nos quais se baseiam as intervenções objeto deste estudo.

A orientação vocacional/profissional é um campo de intervenção e pesquisa em franca expansão na contemporaneidade. No contexto nacional há uma tradição de sistematização de serviços de orientação profissional no âmbito dos cursos de graduação em Psicologia, como parte da estratégia de formação e qualificação do aluno para atuar nessa área. O atendimento oferecido nesse contexto de formação visa, em primeira instância, a oferecer um campo de estágio profissionalizante para treinamento de habilidades e competências específicas do aluno. Por outro lado, a população atendida é beneficiária direta

desse processo de formação do futuro profissional de Psicologia.

As estratégias de atendimento oferecidas são diversificadas, assim como o referencial teórico-conceitual que fundamenta as intervenções. O atendimento em orientação vocacional/profissional realizado no serviço – e que é objeto desta intervenção – fundamenta-se no método clínico-operativo (Antunes, Valdo e Melo-Silva, 2003; Melo-Silva, 1999a; 1999b; Melo-Silva e Jacquemin, 2001), que integra as contribuições de Bohoslavsky (2003), Müller (1988; 1994) e Pichon-Rivière (1994; 1995). Para a modalidade de intervenção individual a concepção de estratégia clínica mostra-se bastante adequada, pois se caracteriza por ser “uma estratégia de abordagem do objeto de estudo, que é o comportamento humano” (Bohoslavsky, 2003, p. 6). Esse processo inclui três momentos: o de ver, o de pensar e o de atuar psicologicamente, ou seja, a observação ou investigação, o diagnóstico e o tratamento. Essa tríplice dimensão deve ser integrada à concepção de formação do orientador vocacional.

Por sua vez, o atendimento psicoterápico realizado no serviço e que constitui o objeto deste estudo fundamenta-se em referenciais psicodinâmicos. As abordagens se baseiam em teorias específicas, fundamentadas na Psicoterapia de Orientação Psicanalítica, na Abordagem Centrada na Pessoa ou na Psicologia Analítica.

Este estudo teve por objetivo investigar, por meio de estudo de caso, os possíveis benefícios oferecidos pela estratégia combinada de orientação vocacional/profissional e psicoterapia.

## MÉTODO

### Estratégia metodológica

Foi delineada uma investigação documental combinada com estudo de caso, desenvolvido sob o enfoque de investigação qualitativa. Esse material se constitui no foco da presente reflexão, dentro dos limites e possibilidades específicas de informação proporcionada pelo estudo de caso. As principais características de um estudo de caso são a análise em profundidade de um objeto e a preocupação com o aspecto unitário do mesmo. É amplamente reconhecida a importância desse tipo de estratégia de pesquisa, tanto para o aprimoramento científico como para o desenvolvimento de práticas psicológicas (Chizzotti, 2000; Peres e Santos, 2005; Stake, 2000).

### Contexto do estudo

O atendimento ao cliente foi realizado por dois serviços de extensão universitária do Centro de

Psicologia e Pesquisa Aplicada (CPA) da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP-USP). No Serviço de Orientação Profissional (SOP) o candidato a cliente, no início do ano, preenche um formulário e participa de uma entrevista de triagem, realizada individualmente por um psicólogo-estagiário, com o objetivo de investigar os motivos da consulta, expectativas sobre o atendimento, dados pessoais, familiares, escolares, de trabalho e de saúde, incluindo antecedentes de atendimento psicológico. Concluída a entrevista, o estagiário faz as anotações necessárias, define se a situação é de orientabilidade (Bohoslavsky, 2003) e registra sua indicação para orientação profissional individual ou em grupo, ou se é situação para grupo de orientação de carreira.

A modalidade grupal disponibiliza maior número de vagas. Predominam adolescentes em situação de escolha da carreira e provenientes do Ensino médio particular. Há, também, jovens e adultos em situação de reorientação de carreira, como no caso da situação do presente estudo. Quando necessário, procede-se ao encaminhamento do caso para psicodiagnóstico e/ou psicoterapia na própria clínica-escola ou em outros recursos da comunidade local. Desde sua implementação existe uma articulação entre o SOP e os demais serviços: de triagem de adolescentes e adultos, de psicodiagnóstico e de atendimento psicoterápico, objetivando a definição de propostas de encaminhamento mais adequadas à situação de cada cliente. Evidentemente, as indicações são estabelecidas em comum acordo com o candidato, considerando suas possibilidades e disponibilidade para engajamento no serviço indicado, de acordo com as vagas disponíveis.

Por sua vez, o Serviço de Psicoterapia (SP) para adultos e adolescentes é oferecido à comunidade em diferentes abordagens, de acordo com as perspectivas teóricas da equipe de supervisores, interesse do estagiário e pertinência para a situação vivenciada pelo cliente. Do ponto de vista das características psicossociais da clientela-alvo tratam-se de pessoas com idade superior a 12 anos, com grau de escolaridade e nível profissional diversificados. Os clientes provêm de camadas sociais desprivilegiadas do ponto de vista socioeconômico. São atendidas, predominantemente, situações clínicas de transtornos situacionais, neuróticos, excluindo-se do seguimento os casos de psicose, deficiência mental e distúrbios orgânicos, bem como alcoolistas e dependentes de drogas ilícitas, pelo fato de não se adequarem à proposta de trabalho, de modo que dela poderiam auferir poucos benefícios. Em termos da problemática apresentada como justificativa para a busca do atendimento, de um modo geral predominam as dificuldades de relacionamento interpessoal e uma

gama variada de problemas afetivos (Santos, Pasian, Oliveira, Melo-Silva e Guarducci, 2005).

As inscrições para o SP permanecem abertas no decorrer do ano. No ato da inscrição os candidatos a clientes preenchem um formulário breve, contendo dados de identificação, endereço completo e motivo da procura. Os formulários preenchidos são arquivados por ordem de chegada junto ao Serviço de Triagem que, posteriormente, convoca os interessados para uma entrevista. Essa etapa é realizada por um profissional de Psicologia e norteada por um roteiro de entrevista, que visa a investigar minuciosamente os motivos manifestos e latentes da consulta, as expectativas em relação à psicoterapia, os antecedentes pessoais, familiares, educacionais, ocupacionais e as condições gerais de saúde. Também é interrogado o histórico de atendimento psicológico e psiquiátrico. Ao término da entrevista o profissional estabelece se o cliente se enquadra nos critérios definidos para atendimento nas diversas abordagens oferecidas pelo serviço-escola ou se há necessidade de encaminhamento para outros serviços da comunidade local. Quando necessário, procede-se o encaminhamento para o serviço de psicodiagnóstico.

Os atendimentos são conduzidos por estudantes do quarto e quinto anos do curso de Psicologia, sob supervisão direta dos responsáveis pelos serviços: docentes e psicólogos. Predomina a modalidade de atendimento individual, com frequência semanal e uma ou duas sessões por semana. Em geral, os clientes permanecem sob atendimento pelo período de um ano, podendo, em alguns casos, ser reconduzidos para o ano letivo seguinte, porém esse prolongamento da assistência não corresponde a maioria dos casos atendidos. O seguimento individual dos casos, na prática, acaba tendo a duração de, aproximadamente, 10 meses (período de março a dezembro do ano letivo do curso). Os clientes que expressam desejo de prosseguirem o processo psicoterápico são encaminhados para atendimento em outros serviços ou mesmo em consultório privado, com profissionais cadastrados na Clínica que se dispõem a cobrar um valor acessível e condizente com o poder aquisitivo da população assistida (Santos et al., 2005).

## Participantes

Foram incluídos no estudo a totalidade dos clientes cadastrados no Serviço de Orientação Profissional que haviam sido encaminhados para o Serviço de Psicoterapia no período de janeiro de 2003 a dezembro de 2006, totalizando 24 pessoas. Dos clientes encaminhados neste período, um caso recebeu atendimento simultâneo do SOP e do SP, sendo os demais atendidos exclusivamente pelo SP. Trata-se de uma mulher de 54 anos, aqui denominada Marcela (nome fictício), solteira, cabeleireira, com ensino médio

completo. Na ocasião do atendimento a cliente morava sozinha e mantinha-se com uma renda declarada de quatro salários mínimos.

## Procedimento

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP-USP. A primeira etapa consistiu na construção de um banco de dados, com a finalidade de caracterizar os perfis dos clientes encaminhados pelo Serviço de Orientação Profissional (SOP) ao Serviço de Psicoterapia (SP). Na segunda etapa realizou-se uma revisão dos prontuários com a finalidade de detectar os casos elegíveis para o presente estudo. O critério de seleção era ter sido submetido às estratégias de orientação vocacional/profissional e psicoterapia no período abrangida pela avaliação, tendo completado o tempo de atendimento definido para ambas. Os dados foram extraídos dos roteiros de entrevista preenchidos no momento da triagem e de outros formulários de atendimento encontrados nos prontuários. Foi elaborado um formulário para sistematização das informações obtidas na revisão dos prontuários dos clientes. Foram coletados os seguintes dados: Encaminhamentos do SOP para SP; Dados de identificação: sexo, idade e nível de escolaridade dos clientes no momento da triagem; Justificativa apresentada pelo serviço de OP para o encaminhamento para SP (queixas apresentadas pelos clientes); Evolução do atendimento no Serviço de Psicoterapia (adesão ao tratamento, número de faltas, condição apresentada ao término do atendimento: melhora, piora, estado inalterado).

## RESULTADOS

### Antecedentes pessoais

Marcela relatou, inicialmente, que buscou o SOP porque queria mudar de profissão. Recebeu indicação para um atendimento em grupo semanal de reorientação profissional e, simultaneamente, foi encaminhada para psicoterapia de orientação psicanalítica com frequência de duas sessões semanais. A justificativa oferecida para consubstanciar o encaminhamento para psicoterapia foi em função das questões pessoais que se sobrepunham às questões profissionais. Essas questões apareceram na forma de queixas relacionadas às relações familiares, ao estado de saúde física, tais como dores por lesão por esforço repetitivo (LER) e fibromialgia, dificuldades relacionadas ao sono e à alimentação e insatisfação com a vida profissional.

Marcela era a caçula de seis irmãos. Sustentava-se financeiramente com a renda que recebia de aluguéis de imóveis e pintura com cerâmica. Em relação à família, sentia-se solitária e rejeitada. Perdera os pais

muito cedo, o pai aos oito anos e a mãe aos 11 anos de idade. Guardava boas recordações do pai, que julgava ser a única pessoa que a compreendia, e mágoa da mãe, por acreditar que esta preferia a irmã mais velha. Aproximou-se de um dos irmãos por ocasião do seu adoecimento por câncer. Esse irmão faleceu em decorrência da enfermidade. Depois dessa perda, um outro irmão sofreu um grave acidente vascular cerebral, e Marcela passou a ser sua cuidadora até o momento de sua morte, após um ano de cuidados intensivos. Relatou uma infância marcada pela perda do pai e pela necessidade de disputar a atenção da mãe com os demais irmãos. Marcela se queixou de ter “perdido” grande parte de sua adolescência trabalhando para auxiliar financeiramente em casa. Descreveu a mãe como uma pessoa controladora, que a impedia de ter uma vida social ativa e se colocava contra seus relacionamentos amorosos. Em termos de laços afetivos, Marcela nunca teve um relacionamento amoroso duradouro, evidenciando traços de desconfiança e insegurança. Afirmou, inicialmente, que optou por não se casar, para não ter alguém que a controlasse, mas durante o processo terapêutico queixou-se de solidão e afirmou que gostaria de ter constituído uma família.

Exercia a profissão de cabeleireira e mantinha um salão de beleza em sociedade com uma irmã. Discordaram em função da administração do negócio, julgava a irmã gananciosa e desonesta. A sociedade foi dissolvida e, desde então, não voltaram a conversar. Continuou trabalhando como cabeleireira em outro salão, mas decidiu interromper suas atividades por sentir muitas dores musculares e ter sido diagnosticada como portadora de LER. Passou a desenvolver atividade de pintura em cerâmica. Sentindo-se insatisfeita com a vida profissional, procurou atendimento psicológico.

### Evolução do atendimento

Marcela manteve-se em psicoterapia individual ao longo de oito meses, tendo realizado 50 sessões. Participou por dois meses do grupo de orientação de carreira, com um total de 13 encontros, apresentando nesse período uma falta justificada. No final do processo grupal de orientação profissional Marcela decidiu prestar vestibular, mas ainda tinha dúvida em relação à carreira que iria seguir. Estava inclinada a optar por decoração ou *design*.

No início da psicoterapia Marcela demonstrava forte preocupação com seu “diagnóstico psicológico”. No SOP apresentava comportamento semelhante, na medida em que cobrava dos coordenadores do grupo de orientação de carreira uma resposta imediata para sua questão vocacional. Outra questão importante, que também apareceu nos dois contextos de atendimentos psicológicos, era a tendência de Marcela em responsabilizar o outro por todas as mazelas de sua

vida. Apresentava uma organização de personalidade imatura, com predomínio de elementos depressivos e persecutórios, e devido aos mecanismos de identificação projetiva, percebia o outro como ameaçador, sempre pronto a lhe trazer prejuízos.

Nesse contexto, acreditava que sua vida amorosa e profissional estava insatisfatória, devido à influência ou pouco apoio recebido das demais pessoas. Procurava justificar seu desejo de mudança pela pressão da sociedade, que segundo ela condena quem é solitário e não exerce nenhuma atividade laboral. Acreditava que a resposta de seus questionamentos estava em poder dos coordenadores do grupo ou do terapeuta, que não queriam compartilhar com ela esse conhecimento. No início das duas modalidades de atendimento, demonstrou muita resistência. Tentava insistentemente convencer os terapeutas da correção do seu ponto de vista, desprezando as intervenções. Afirmava que nada de novo era oferecido pelos coordenadores de grupo e pelo terapeuta.

No decorrer do processo terapêutico e dos encontros grupais de orientação de carreira, Marcela pôde estabelecer, gradualmente, um vínculo de maior proximidade e confiança, aceitando melhor as contribuições dos terapeutas e abrandando sua agressividade diante de intervenções que lhe pareciam contrárias àquilo que gostaria de ouvir. Aos poucos a cliente desenvolveu a capacidade de escutar as ponderações do terapeuta, pensar sobre elas e se deixar permear e se modificar ao longo do processo, demonstrando que algumas intervenções tinham eco dentro de si.

Nas sessões de atendimento psicoterápico trouxe conteúdos do grupo de orientação de carreira. Foi uma oportunidade valiosa para repensar suas atitudes e comportamentos no espaço grupal e relacionar intervenções do psicoterapeuta com as dos coordenadores de grupo. Isso ficou patente ao relatar sua atitude diante de uma entrevista de emprego, conduzida por uma psicóloga. Marcela contou que foi reprovada nesta entrevista, mas pôde repensar seu comportamento frente aos comentários do grupo e às intervenções do terapeuta.

Essa relação entre o grupo e a psicoterapia era compreendida pela paciente como de complementaridade entre os dois espaços de cuidado. Tal relação apareceu em nove das 16 sessões iniciais. A 17ª sessão foi marcada pela piora do irmão, em estágio terminal de câncer, e foi seguida por nove faltas da paciente, justificadas pela necessidade de cuidar em tempo integral desse irmão. Marcela retornou ao atendimento após o falecimento desse irmão. Os dez encontros seguintes foram reservados à elaboração de sua perda e do início do processo de luto.

Na 28ª sessão apareceu novamente a questão profissional, mediante relato do desejo de cursar uma

faculdade e de lembranças de vivências prazerosas e de autodescoberta no grupo de orientação profissional. Nas sessões que se seguiram, a cliente se mostrou disposta a “fazer as pazes” com o passado. Relatou visitas aos túmulos dos pais e a sensação de maior proximidade emocional com a mãe falecida. Conta ainda que estava cuidando de uma goiabeira da sua rua, regando, aparando os galhos, sentindo-se capaz e muito gratificada quando apareceram os primeiros frutos. Conseguiu estabelecer uma conexão entre esse fato e os frutos que estava colhendo na psicoterapia, valorizando seu esforço e o investimento que fizera na relação terapêutica.

Na 36ª sessão de psicoterapia Marcela trouxe diversos conteúdos relativos à devolutiva do grupo de orientação de carreira, relatando que foi muito beneficiada por esse atendimento e que essa experiência a ajudara muito a enfrentar o espaço da psicoterapia individual. A psicoterapia, por sua vez, contribuíra para que pudesse aproveitar o que lhe era oferecido no grupo.

A partir da 40ª sessão a cliente deu início ao processo de desligamento da psicoterapia, visto que teria somente mais um mês de atendimento. Marcela referiu que havia mudado muito, e que já era capaz de perceber que pode ser responsável pelas decisões de sua vida. Todavia, tal descoberta a deixou muito angustiada. Apesar da angústia, afirmou que se conhecia melhor, que aprendera muito com os atendimentos – em grupo e individual – e que acreditava que os estagiários também aprenderam com ela.

Do ponto de vista dos estagiários envolvidos, predominou a percepção de que houve ganhos consistentes ao longo do processo. As percepções foram convergentes no sentido de que uma pessoa pode se beneficiar da sinergia das duas abordagens, quando elas têm um foco claro e estratégias de ação bem definidas, de modo a não confundir o cliente. No processo de formação profissionalizante do psicólogo é importante aprender a distinguir quando uma situação configura orientabilidade e quando a natureza da problemática que justifica a procura do serviço requer uma abordagem psicoterapêutica. Para fundamentar essa decisão, é útil seguir as orientações de Bohoslavsky (2003).

Na sessão de encerramento foi sugerida a possibilidade de dar continuidade à psicoterapia, caso fosse de seu interesse, com encaminhamento para clínica particular. A cliente se mostrou ambivalente a esse respeito, ora alegando que “o que teve foi suficiente”, ora demonstrando desejo de dar continuidade. Esse desfecho de certo modo era esperado, uma vez que os benefícios de intervenções psicológicas podem, por um lado, conduzir à autonomia e à alta e, por outro lado, mobilizar o desejo de maior aprofundamento no autoconhecimento e expansão da consciência.

## DISCUSSÃO

No presente trabalho pôde-se observar a coexistência das dificuldades vocacionais com questões afetivas, em especial com queixas referentes aos relacionamentos interpessoais, familiares, sociais e amorosos, conforme é esperado pela literatura. Dessa forma, foi imprescindível realizar uma avaliação para verificar a associação entre a queixa vocacional e demais queixas emocionais e o quanto elas interferem umas nas outras e no funcionamento emocional do cliente, como apontaram Davidson e Gilbert (1993), Dorn (1992) e Manuele-Adkins (1992). No estudo em questão pode-se observar que houve uma consideração dessas queixas não-vocacionais por parte do serviço responsável pelo encaminhamento, sendo que todos os clientes que haviam sido submetidos à triagem psicológica tiveram algum tipo de dificuldade emocional reconhecida.

A análise cuidadosa ao se formular o encaminhamento para outra modalidade de atendimento, como apontaram Nascimento e Coimbra (2005b), foi uma das preocupações das duas equipes, pois muitas vezes há o temor de que essa atitude possa desencadear mudança ou mesmo ruptura no processo de intervenção vocacional. Essa análise deve explorar amplamente os pedidos do cliente, muitas vezes ambíguos e permeados por expectativas nem sempre realistas, criando-se uma atmosfera permissiva e uma relação indutora de confiança, visando a minimizar as resistências à intervenção. Essa visão compreensiva do pedido do cliente pode auxiliar decisivamente no estabelecimento do plano de intervenção.

Para Nascimento e Coimbra (2005a), os pedidos dos clientes, isto é, os motivos que os levaram ao Serviço de Orientação Profissional, muitas vezes se apresentam inespecíficos, até mesmo porque essas pessoas não conseguem, muitas vezes, identificar suas necessidades dominantes, sendo comum vivenciarem os pedidos vocacionais como menos estigmatizantes e, portanto, mais aceitáveis do que os psicoterápicos (Davidson e Gilbert, 1993; Imaginário e Campos, 1987; Santos et al., 2009). Nesse contexto os pedidos de orientação vocacional poderiam traduzir uma resistência à psicoterapia e/ou refletirem o fato de que os clientes estariam portando expectativas terapêuticas em relação à consulta vocacional. O impacto da formulação desse encaminhamento e da clara indicação para psicoterapia pode ser vivenciado por muitos clientes como “ruptura de um processo” que se iniciara com a inscrição no SOP. Essa quebra de expectativa, aliada ao possível estigma que cerca a pessoa que se submete à psicoterapia, poderia estar relacionada ao considerável índice de desistência do atendimento psicológico (37,5%), antes mesmo da realização da triagem no SP.

Pode-se aventar a hipótese de que as pessoas que não aderiram à psicoterapia provavelmente se sentiram desapontadas com o reencaminhamento, provavelmente por não vislumbrarem associação imediata entre suas dificuldades, identificadas como eminentemente de natureza vocacional, e a necessidade de receber outra modalidade de intervenção, como no caso dos outros 23 clientes. Caberia, então, ao orientador vocacional identificar a extensão das queixas não-vocacionais do cliente e optar pelo encaminhamento, ou ele próprio intervir nos domínios não-vocacionais, aplicando um processo de psicoterapia, que poderia decorrer em paralelo com a intervenção vocacional, precedê-la ou ser realizado após o término da intervenção vocacional (Nascimento e Coimbra, 2005b). Nesse sentido, futuras investigações sobre situações de adesão e de não-adesão são necessárias.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A passagem da intervenção em orientação vocacional/profissional para a psicoterapia pode constituir um ponto crítico do itinerário do cliente. A atenção do orientador deve ser redobrada, prevenindo possíveis rupturas no vínculo, que poderiam, em situações-limite, inviabilizar o processo de ajuda. Nesse momento de transição cabe ao profissional auxiliar o cliente “a compreender a inseparabilidade da dimensão vocacional relativamente a outras dimensões pessoais”; assim, “talvez a intervenção contribua para o fazer desistir dos esforços para estancar a sua vida profissional e pessoal” (Nascimento e Coimbra, 2005b, p. 26).

Além disso, observa-se a partir dos resultados deste estudo que a psicoterapia, aliada ao processo de orientação vocacional, pode auxiliar na promoção e mobilização dos recursos internos dos clientes, otimizando seu desempenho no processo de orientação vocacional, como apontado por Dorn (1992), Nascimento e Coimbra (2001). Essa potencialidade de uso combinado de estratégias precisa ser melhor explorada em futuras investigações.

Na situação descrita e analisada neste estudo de caso, a concomitância das abordagens mostrou ser uma estratégia valiosa na medida em que puderam ser abordadas, de forma integrada, diferentes facetas complementares da problemática da cliente. Do ponto de vista dos supervisores e dos estagiários houve ganhos significativos e a percepção de que a cliente pôde se beneficiar da complementaridade das abordagens. Isso é possível quando as estratégias possuem um foco claro e intervenções definidas, de modo a não confundirem o cliente. Finalizando, cumpre destacar que o presente estudo mostrou que a integração entre aconselhamento de carreira e aconselhamento pessoal é possível,

desejável e, em alguns casos, necessária para que se possam realizar intervenções eficazes. Desse modo, no contexto brasileiro os resultados obtidos apontam uma parceria potencializadora entre orientação vocacional/profissional e psicoterapia, contribuindo para o aumento da sinergia e otimização dos recursos.

## REFERÊNCIAS

- Anderson, W.P., & Niles, S.G. (1995). Career and personal concerns expressed by career counseling clients. *The Career Development Quarterly*, 43, 3, 240-245.
- Antunes, J.B., Valdo, M., & Melo-Silva, L.L. (2003). Uma experiência de orientação profissional em grupo. In L.L. Melo-Silva, M.A. Santos, J.T. Simões, & M.C. Avi (orgs.). *Arquitetura de uma ocupação: orientação profissional – teoria e prática* (pp. 343-362). São Paulo: Vetor.
- Betz, N., & Corning, A. (1993). The inseparability of “career” and “personal” counseling. *The Career Development Quarterly*, 42, 1, 137-142.
- Bohoslavsky, R. (2003). *Orientação vocacional: a estratégia clínica*, (11ª ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Borsoi, I.C.F. (2007). Da relação entre trabalho e saúde à relação entre trabalho e saúde mental. *Psicologia & Sociedade*, 19, 1, 103-111.
- Carvalho, M.M.M.Y. (1995). *Orientação profissional em grupo: teoria e técnica*. Campinas: Editorial Psy.
- Chizzotti, A. (2000). *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez.
- Davidson, S., & Gilbert, L. (1993). Career counseling is a personal matter. *The Career Development Quarterly*, 42, 2, 149-153.
- Dorn, F.J. (1992). Occupational wellness: the integration of career identity and personal identity. *Journal of Counseling and Development*, 71, 1, 176-178.
- Hackett, G. (1997). Self-efficacy in career choice and development. In A. Bandura (ed.). *Self-efficacy in changing societies*. New York: Cambridge University Press.
- Hanns, L.A. (2004). Regulação em debate. *Ciência e Profissão: Diálogos*, 1, 1, 6-13.
- Imaginario, L., & Campos B.P. (1987). Consulta psicológica vocacional em contexto escolar. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 3, 1, 107-113.
- Lucas, M.S. (1992). Problems expressed by career and non-career help seekers: a comparison. *Journal of Counseling and Development*, 70, 1, 417-420.
- Manuele-Adkins, C. (1992). Career counseling is personal counseling. *The Career Development Quarterly*, 40, 1, 313-323.
- Melo-Silva, L.L. (1999a). Estágio profissionalizante em orientação profissional: experiência em um curso de Psicologia (I). *Revista da ABOP*, 3, 1, 119-135.
- Melo-Silva, L.L. (1999b). Estágio profissionalizante em orientação profissional: a visão de alguns psicólogos-estagiários (II). *Revista da ABOP*, 3, 1, 137-159.
- Melo-Silva, L.L., & Jacquemin, A. (2001). *Intervenção em orientação vocacional/profissional: avaliando processos e resultados*. São Paulo: Vetor.
- Müller, M. (1988). *Orientação vocacional: contribuições clínicas*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Müller, M. (1994). *Orientación vocacional*. Buenos Aires: Bonum.
- Nascimento, I., & Coimbra, J.L. (2001). O reconhecimento do caráter eminentemente pessoal da problemática vocacional. In C. Borrego, J.L. Coimbra, & D. Fernandes (orgs.). *Construção de competências pessoais e profissionais para o trabalho*. Actas, II Encontro Internacional de Formação Norte de Portugal/Galiza. Galiza (p. 89). Portugal: Instituto de Emprego e Formação Profissional, Delegação do Norte.
- Nascimento, I., & Coimbra, J.L. (2005a). Pedidos, problemas e processos: alguns dilemas da intervenção em consulta psicológica vocacional. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 6, 2, 1-14.
- Nascimento, I., & Coimbra, J.L. (2005b). A escolha do foco de intervenção em consulta psicológica vocacional: contributos para uma perspectiva integradora da intervenção. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 6, 2, 15-30.
- Peres, R.S., & Santos, M.A. (2005). Considerações gerais e orientações práticas acerca do emprego de estudos de caso na pesquisa científica em Psicologia. *Interações*, 10, 20, 109-126.
- Pichon-Rivière, E. (1994). *O processo grupal*, (5ª ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Pichon-Rivière, E. (1995). *Teoria do vínculo*, (5ª ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Santos, M.A. (2003). Profissão terapeuta: vicissitudes da formação acadêmica e da inserção no mercado de trabalho. In L.L. Melo-Silva, M.A. Santos, J.T. Simões, & M.C. Avi (orgs.). *Arquitetura de uma ocupação: orientação profissional – teoria e prática* (pp. 151-172). São Paulo: Vetor.
- Santos, M.A.; Pasian, S.R., Oliveira, E.A., Melo-Silva, L.L., & Guarducci, P.C. (2005). A trajetória do cliente na clínica-escola: articulação entre serviços na formação profissionalizante em psicologia. In L.L. Melo-Silva, M.A. Santos, & C.S. Paulim (orgs.). *Formação em Psicologia: serviços-escola em debate* (pp. 123-154). São Paulo: Vetor.
- Santos, M.A. (2007). Psicoterapia psicanalítica: aplicações no tratamento de pacientes com problemas relacionados ao uso de álcool e outras drogas. SMAD, *Revista Eletrônica Saúde Mental, Álcool e Drogas*, 3, 1 [citado 28 abr. 2008]. Disponível em: <[http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1806-9762007000100006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-9762007000100006&lng=pt&nrm=iso)>. ISSN 1806-6976.
- Santos, M.A.; Oliveira-Cardoso, E.A., & Melo-Silva, L.L. (2009). Orientação profissional como porta de entrada para psicoterapia: um estudo retrospectivo. *Psico-USF*, 14, 2, 143-156.
- Spokane, A. (1989). Are there psychological and mental health consequences of difficult career decisions? *Journal of Career Development*, 16, 1, 19-23.
- Stake, R.E. (2000). Case studies. In N.K. Denzin, & Y.S. Lincoln (eds.). *Handbook of qualitative research*, (2ª ed.) (pp. 217-259). Thousand Oaks, C.A.: Sage.
- Swanson, J.L. (1995). The process and outcome of career counseling. In W.B. Walsh, & S.H. Osipow (eds.). *Handbook of vocational psychology: theory, research, and practice*, (2ª ed.) (pp. 217-259). Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.

Recebido em: 19/10/2009 Aceito em: 17/03/2010

### Autores:

Érika Arantes Oliveira-Cardoso – Doutorado em Psicologia pela Universidade de São Paulo, campus de Ribeirão Preto. Psicóloga do Departamento de Psicologia e Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Membro do Núcleo de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde (NEPPS).

Manoel Antônio Santos – Docente do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Editor Responsável da Paidéia e Editor Assistente da Revista Brasileira de Orientação Profissional. Coordenador do Núcleo de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde (NEPPS). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq.

Lucy Leal Melo-Silva – Docente do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Editora da Revista Brasileira de Orientação Profissional, membro do corpo editorial da Paidéia. Coordenadora do serviço de Orientação Profissional. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq.

Fábio Pagotto Piovesani – Psicólogo graduado pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo.

### Enviar correspondência para:

Érika Arantes de Oliveira-Cardoso  
Departamento de Psicologia e Educação da Faculdade de Filosofia,  
Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCLRP/USP)  
Av. Bandeirantes, 3900  
CEP 14040-901, Ribeirão Preto, SP, Brasil  
E-mail: <[erikaao@ffclrp.usp.br](mailto:erikaao@ffclrp.usp.br)>